

INTRODUÇÃO

Este trabalho intenta analisar os mecanismos retóricos implicados em processos de construção de sentidos, que revelam intenções comunicativas persuasivas. Tomando como ponto de partida os estudos feitos por Eni Orlandi (1983), acerca do discurso religioso com foco no cristianismo de linha católica, combinados com a Teoria da Iconicidade Verbal desenvolvida por Simões (2009), a qual se baseia na Semiótica de Peirce (2005), pretendemos fazer uma análise do discurso religioso por meio dos textos produzidos e veiculados pelo líder da Igreja Universal do Reino de Deus – IURD, o Bispo Edir Macedo. Tecemos, ainda, algumas considerações relativas ao aspecto doutrinário empregado pelo autor ao elaborar suas teses com vistas a persuadir os seus interlocutores a fazerem uma leitura monossêmica dos textos bíblicos.

O livro *Estudo do Apocalipse* (MACEDO, 2007), no qual o autor procura atribuir uma visão de cunho doutrinário a um dos textos mais polêmicos da Bíblia: o *Apocalipse* de João serviu como material para a realização deste trabalho e, para o desenvolvimento da presente análise.

Procurando confrontar as propostas de leitura apresentadas pelo autor com outros trabalhos publicados por teólogos, filósofos da religião, analistas de discurso e historiadores, traçou-se um paralelo entre as diversas áreas do conhecimento.

Segundo Simões (2006, p. 105), “A interdisciplinaridade articula o conhecimento sem dissolver a especificidade dos campos do saber nem negar as disciplinas escolares” e “A contextualização re-insere o conhecimento específico no âmbito da vida, gerando significado, transformando definições em conceitos” e, sob esse aspecto, conduzimos nossos estudos na tentativa de identificar como alguns “formadores de opinião” promovem um retrocesso à ideologia medieval, em que o conteúdo religioso não se misturava com o científico.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

E hodiernamente é de suma importância que os docentes tenham consciência de que as áreas do conhecimento estão todas ligadas ao ser humano e que este é capaz de combiná-las com o objetivo de aprimorar seu relacionamento com o meio, a despeito de algumas instituições que têm como objetivo, cada vez mais distanciar o pensamento humano das conquistas científicas, transmitindo aos seus “associados” uma sensação de segurança e esperança de uma vida melhor dentro dos parâmetros estabelecidos pela ideologia denominada Teologia da Prosperidade, a qual prega a aquisição de bens materiais como prova da fidelidade de Deus aos homens e vice-versa. Além de explorarem os medos e desconfortos do mundo moderno, usando como subterfúgio a adesão aos princípios da fé. Daí a busca constante do autor por itens lexicais que atinjam os leitores em seus pontos mais vulneráveis, combinados com outros que transmitam a ideia de que a IURD é o porto seguro, capaz de proteger e salvar quem seguir suas orientações.

Dentre os princípios básicos da interdisciplinaridade, encontra-se o “diálogo constante dentro de cada área de conhecimento e a contextualização, concebida como a vinculação do conteúdo ao social” (SIMÕES, 2006, p. 106).

Acerca do dialogismo discursivo, Barros (2003, p. 1) nos diz que “O texto é considerado hoje tanto como objeto de significação, ou seja, como um ‘tecido’ organizado e estruturado, quanto como objeto de comunicação, ou melhor, objeto de uma cultura, cujo sentido depende, em suma, do contexto sócio-histórico”. Portanto, não há como proceder a uma leitura crítica e autônoma sem considerar esses fatores.

Segundo Blikstein (2003, p. 45),

Suportado por toda uma intertextualidade, o discurso não é falado por uma única voz, mas por muitas vozes, geradoras de muitos textos que se entrecruzam no tempo e no espaço, a tal ponto que se faz necessária toda uma escavação “filológico-semiótica” para recuperar a significação profunda dessa polifonia. Cabe, então, a essa “filologia-semiótica” detectar toda a rede de isotopias que governam as vozes, os textos e, finalmente, o discurso.

A partir desses conceitos propomos uma leitura baseada no contexto sócio-histórico para que possamos entender as condições de produção do texto religioso e as consequências que uma leitura aves-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

sa a essas questões possam causar no comportamento humano e nas relações interpessoais. O que vai ao encontro do que nos diz Orlandi (1983, p. 104-141), ao afirmar que

A tipologia deve dar conta da relação linguagem/contexto, compreendendo-se contexto em seu sentido estrito (situação de interlocução, circunstância de comunicação, instanciação de linguagem) e no sentido lato (determinações histórico-sociais, ideológicas etc.).

1. O contexto histórico

A tradição judaico-cristã teve como ponto de partida a união dos povos que viviam em tribos instaladas na região de Canaã, atual Palestina. Cada tribo possuía suas tradições, seus mitos, seus costumes, seus hábitos alimentares. Como não viviam em sociedade, eram sempre subjugados pelas civilizações organizadas politicamente, tais como os cananeus, egípcios, fenícios, assírios e babilônicos. Daí serem esses povos conhecidos como “hebreus”, que quer dizer “escravos”.

Quando essas tribos se deram conta de que só poderiam enfrentar os opressores se houvesse uma união entre elas, o que traria mais força e meios de libertarem-se da escravidão, resolveram formar um só grupo, sendo a religião a principal reguladora dessa aliança (SOUZA, 1983). Estava formado o reino de Israel, que quer dizer “Deus reina”.

Ao longo dos séculos, ora na condição de dominantes, ora de dominados, muitos intercâmbios foram realizados com culturas prósperas que valorizavam a filosofia e as ciências. Levando-nos a crer que, desde aquela época, já havia alguma preocupação com a origem da humanidade e o sentido de sua existência.

Eric Auerbach nos esclarece que os judeus não angariavam muita simpatia em relação às demais civilizações, pelo seu fundamentalismo religioso e suas práticas consideradas extremadas, o que os tornava “deveras antipáticos aos outros povos, em sua maioria, tolerantes em matéria de religião” (AUERBACH, 1987, p. 56).

Para manter-se, o reino judaico precisava das doações e do dízimo cobrado ao povo – principais fontes de arrecadação da famí-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

lia real – pois os saques das guerras e as terras conquistadas pelo primeiro rei, Saul, já não eram suficientes (LEFTTEL, 2007, p. 19)²⁶.

A exemplo de outros povos da antiguidade, a civilização judaica também teve seus heróis, e suas histórias, muitas vezes, assemelhavam-se aos mitos de origem estrangeira. O que pode ser observado, inclusive em algumas histórias contadas nos evangelhos. As teogonias egípcia, fenícia e grega revelam em seus mitos a figura de um ser superior que teria criado o céu, a terra e tudo que existe entre esses dois planos. Possuíam também histórias de deuses imortais, semideuses e mortais; a união de deuses com mortais; a existência de outra vida após a morte; poderes sobrenaturais; além de inúmeras explicações para a existência da humanidade.

Segundo Simões,

Da mesma forma que a fala (língua oral) varia, a escrita tem de variar, sob pena de mutilar a expressão dos matizes diferenciais do pensamento, oriundos da distribuição do homem pelos tempos e lugares geográficos e sociais. (SIMÕES, 2006, p. 14)

Portanto, por essa perspectiva linguística, podemos entender, junto com Ehrman (2006), os fatores que podem ter gerado as inúmeras alterações no texto bíblico, tanto no momento de sua produção, quanto ao longo dos séculos em que foram copiados pelas mãos de escribas e monges, e que nos fazem repensar as estratégias de manipulação dos textos utilizados pela igreja, desde seus primórdios.

Faça-se um parêntese, neste momento de nossa reflexão, quanto aos textos bíblicos, segundo informações adquiridas na obra de Ehrman²⁷ (2006). O pesquisador traz à baila uma discussão polêmica em torno da autenticidade e fidedignidade dos textos contidos na chamada “Bíblia Sagrada” e que, segundo ele, “o sentido completo e as nuances do texto grego do Novo Testamento só podem ser plenamente apreendidos quando ele é lido e estudado na língua original” (EHRMAN, 2006, p. 16), complementando que o mesmo se dá com o texto do Antigo Testamento, que foi escrito em hebraico.

²⁶ Ruth Leftel é doutora em história social e professora de história do período bíblico e o Oriente antigo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

²⁷ Bart D. Ehrman é PhD em Teologia pela *Princeton University* e dirige o Departamento de Estudos Religiosos da *University of North Carolina*.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Diante desse quadro, como podemos garantir que as palavras contidas naquele que é o livro mais reproduzido e o mais lido em todo o mundo, e que serve como principal fonte dos argumentos da religião que tem mais adeptos, o Cristianismo, são originais?

Jesus não deixou por escrito uma linha sequer sobre sua doutrina. Todos os fatos relatados no Novo Testamento (NT) foram feitos por terceiros que, muitas vezes, não tiveram contado direto com o líder desse grande movimento, como é o caso de um dos principais precursores do cristianismo: o apóstolo Paulo.

Existem, inclusive, hipóteses de que todos os evangelhos teriam origem em um único texto, porém não se saberia com certeza quem o escreveu.

2. A seleção lexical

Uma das principais marcas da iconicidade presentes no texto em análise é a relação entre homem/Deus e homem/diabo. O autor “cria” uma nova regra ortográfica em que os vocábulos que representam a figura do diabo são grafados com a inicial minúscula, indicando a insignificância e o desprezo causado por esse personagem, enquanto os vocábulos que se referem a Deus, são grafados com inicial maiúscula, indicando o poder que este possui no discurso neopentecostal.

Pela teoria semiótica de Peirce (2005), os signos são subdivididos em três níveis, de acordo com o efeito de sentido que produz no momento em que se atualiza, gerando um *interpretante* apropriado às condições de produção do discurso: o primeiro seria o *ícone*, também conhecido como “signo diagramático”, o qual ostentaria uma “semelhança” com o sujeito do discurso; o segundo seria o *índice*, que estabelece uma relação de sentido com o *objeto* sem, no entanto, descrevê-lo; e o terceiro nível, seria o símbolo, que representa a associação de uma ideia ao *objeto* discursivo relacionada ao *interpretante* ou ao significado metafórico.

Podemos ainda observar o grande número de expressões enfáticas e frases de efeito identificadas pelos pontos de exclamação, que funcionam como *ícones* do texto religioso que se propõe à exaltação

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

de Deus e que permeiam todo o texto. Apesar de ter uma proposta doutrinária, o autor apela para a emoção, convidando o leitor à aclamação, característica bastante peculiar a esse tipo de discurso persuasivo (cf. CITELLI, 2005).

Vejamos alguns exemplos desse recurso nos excertos, a seguir:

(...) a Igreja de hoje reflete mesmo o espírito de Laodicéia de outrora!

Mas é justamente o contrário: Ele nos amou primeiro!

(...) a Ele toda a honra, toda a glória e todo o domínio pelos séculos dos séculos!

Nós temos a responsabilidade de testemunhar, na nossa própria vida, a vitória da ressurreição do nosso Senhor!

Temos a obrigação e o dever de permitir que o Espírito do Senhor Jesus manifeste a fragrância do Seu conhecimento através de nós!

(...) os incrédulos precisam tomar conhecimento do Senhor Jesus por intermédio do comportamento dos Seus seguidores!

(...) o poder de sermos testemunhas vivas do Senhor!

É pela fé no Senhor Jesus que somos justificados! É o Seu sangue que nos purifica de todo o pecado, e não o amor!

No que concerne aos campos semânticos explorados por Macedo, observamos o uso de signos linguísticos que funcionam, ora como ícones, ora como índices, sem falar no caráter simbólico de alguns itens lexicais, elemento largamente explorado em discursos religiosos. Vejamos alguns desses itens:

2.1. Misticismo

- as *sete* igrejas/as *sete* cidades/um *círculo* (símbolos da perfeição) – na visão do autor, indicam as diferentes épocas da história da Igreja
- *bruxaria* (índice da superstição)
- lavados pelo *sangue* (símbolo da vida) – o sangue que corre nas veias; a expressão completa é índice de remissão dos pecados

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

- *Cordeiro* (símbolo do sacrifício cristão)

2.2. Guerra

- *inimigos* incrédulos (índice da disputa entre o bem e o mal)
- *vitória* do nosso Senhor (índice da disputa entre o bem e o mal)
- *trunfo* (índice da disputa entre o bem e o mal)
- o *poder* (índice de superioridade sobre as outras religiões)
- toda a *autoridade* e todo o *poder* (índices da superioridade sobre as outras religiões)

2.3. Ímpios

- *feras* deste mundo demoníaco (ícone da irracionalidade e índice dos anticristãos)
- *povos incrédulos* (ícone da diversidade religiosa)
- *vil pecadora* (índice da desobediência)
- *povos anticristãos* (ícone das outras religiões)

2.4. Fiéis

- *homens de Deus* (símbolo da crença)
- *nascidos de Deus* (índice da filiação)
- *sacerdotes* (ícone da religiosidade)
- *sacrifícios* contínuos (índice de fidelidade)
- fragrância do Seu *conhecimento* (índice da fé)

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

2.5. Negatividade

- *odeiam/perseguem/difamam* (índices da rivalidade religiosa)
- *Injustiça* (índice do sofrimento)
- *hostes do inferno* (símbolo dos poderes do mal)

2.6. Positividade

- colheita da *salvação* (índice da promessa divina)
- *amizade cristã* (símbolo da harmonia)
- *amor e perdão* (ícones da vida cristã)
- *promoção* (índice da promessa divina)

Podemos também observar algumas inferências feitas pelo próprio autor acerca dos *representamens* dotados de significação indicial que aparecem nos textos utilizados como referências argumentativas, gerando novos *interpretantes* conduzidos pelo enunciador, como no seguinte excerto:

Podemos entender, em vez de “as *nações*”, os *demônios*; em vez de “a tua *herança*”, a *Igreja do Senhor Jesus*; em vez de “*profanaram o teu santo templo*”, vivem na *prostituição*, no *adultério* e na *idolatria*; em *inimizades*, *ciúmes*, *discórdias* e *tudo o mais que é contra Deus*, dentro da Sua própria Casa. E “*reduziram Jerusalém a um montão de ruínas*” como sendo os *cristãos*.

Vejam as inferências estabelecidas pelo autor:

Nações => demônios

Herança => Igreja do Senhor Jesus

Profanação => prostituição, adultério, idolatria, inimizades, ciúmes, discórdias, tudo contra Deus

Ruínas => cristãos

Nesse pequeno conjunto de associações, podemos perceber a intenção do autor em tornar os signos indiciais pertencentes ao módulo da Bíblia Sagrada intitulado Antigo/Velho Testamento, como referentes à pré-existência da Igreja Cristã.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Historicamente, sabemos que o livro dos Salmos foi escrito muito antes de Jesus existir (séc. VI a. C., aproximadamente). Como então interpretar indicialmente o signo “herança”, que pertence ao Antigo Testamento, em relação à Igreja, que somente teve origem após a “morte/ressurreição” de Jesus? Além disso, se as “nações” às quais se refere Macedo eram as nações existentes naquele período histórico, então, os demônios foram aniquilados, tendo em vista que as civilizações contemporâneas à judaica, no período em que foi produzido o referido texto, já não existem mais.

3. A intertextualidade e a polifonia

Outra estratégia utilizada pelo autor, para convencer o leitor de que seus argumentos estão fundamentados, é o recurso da intertextualidade. Mas é óbvio que nessa intertextualidade proposta pelo discurso da IURD os textos envolvidos no diálogo estão contidos na própria Bíblia Sagrada. Caracterizando-se então como uma polifonia unívoca, isto é, que vários discursos convergem para uma mesma voz, se levarmos em consideração a totalidade do texto.

Além disso, as relações intertextuais empreendidas por Macedo revelam uma maneira especial de impor um tipo de análise em que as narrativas se entrecruzam de forma atemporal, ou seja, referem-se a momentos históricos totalmente distintos, separados por séculos de evolução, como se houvesse uma única temática. Por exemplo, quando o autor cita o salmo 79 (séc. VI a. C., aproximadamente) associando-o à Igreja Cristã, que somente recebeu essa denominação no século IV d. C.

Um dos trechos utilizados por Macedo para exaltar a figura divina de Jesus é a que segue:

João, às sete igrejas que se encontram na Ásia, graça e paz a vós outros, da parte daquele que é, que era e que há de vir, da parte dos sete Espíritos que se acham diante do seu trono e da parte de Jesus Cristo, a Fiel Testemunha, o Primogênito dos mortos e o Soberano dos reis da terra. Àquele que nos ama, e, pelo seu sangue, nos libertou dos nossos pecados, e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém! (*Ap.* 1,4-6)

A interpretação dada pelo autor induz o leitor a uma análise monossêmica, associando-o a outro texto, integrante do AT: “*Re-*

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

pousará sobre ele o Espírito do Senhor, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Isaías, 11:2). Nessas idas e vindas, o autor acaba fazendo uma contextualização atemporal desregrada, que se encerra em uma grande descontextualização. Segundo estudos de pesquisadores da área de história, as primeiras comunidades “nazarenas” começaram a se desenvolver e se espalhar por várias regiões. Para manter a univocidade do discurso, era preciso que todos seguissem o mesmo modelo doutrinário. Conservava-se então a velha estrutura imperialista, em que o rei tinha poder absoluto sobre seus súditos. Portanto, a estrutura social conhecida na época, assim como no AT, permaneceu nas isotopias do Novo Testamento.

Como consequência dessas isotopias, temos o seguinte resultado: as comunidades que deram origem ao cristianismo, supostamente pertencentes ao grupo de judeus denominado “essênios” (cf. FURNARI, 2007, p. 15), mantinham seus ideais de libertação e formavam um grupo dissidente das comunidades judaicas urbanas (saduceus, fariseus e zelotas) que se opunham ao Império Romano e ao poder do Templo de Jerusalém, além de ansiarem por uma “guerra santa” para instaurar o “reino dos justos”; pregavam um “reino” existente em outro plano cósmico – o Reino de Deus –, o que nos faz acreditar na influência da cultura greco-romana na construção dos objetos-de-discurso cristãos; e, finalmente, a relação de assujeitamento institucionalizado, ou seja, ficariam libertos do poder dos reinos da terra, mas estariam sujeitos ao poder divino. A condição de dominados não seria modificada, apenas deslocada para outro dominador: dos “reis da terra” para o “rei dos reis”. O interessante é que, na verdade, o regime sócio-política não seria alterado.

Entretanto, existe outra possibilidade de leitura para o trecho em análise. A libertação se daria apenas em relação aos reis da terra, pois não haveria mais nenhum tipo de subserviência pelo fato de os primeiros cristãos, que no período em que o texto foi escrito ainda não possuíam essa denominação, não prestarem obediência aos “reis da terra”, o que poderia ser considerado um ato de rebeldia ou, até mesmo, de anarquia. Por esse motivo, os primeiros cristãos foram considerados subversivos pelo Império Romano, por formarem sociedades secretas. Fato esse que levou os cristãos a se espalharem pelas regiões da Ásia (Galácia, Éfeso, Antioquia, Seleucia, Sardes, La-

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

odicéia, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes e Filadélfia) e da Europa, chegando à Grécia (Tessalônica, Filipos e Corinto) e Roma, além de outros lugares mais distantes, como a Península Ibérica, formando diversas comunidades administradas pelo apóstolo Paulo.

Com relação às práticas sociais que limitam o raciocínio humano e desconsideram a bagagem cognitiva, destacamos algumas palavras de Ferrari (2007), referentes ao discurso religioso:

Como a massa encontra-se desprovida de erudição, só lhe resta ter crença, ignorando as possíveis finitudes e danosas falhas do sistema enigmático e envolvente, o qual, em nome do ‘controle dos meios de violência’ e segurança do Estado-nação, no âmbito externo e interno, chega à ‘industrialização da guerra’, acentuando a ‘globalização dos riscos’. Perante as ansiedades existenciais e medos catastróficos em meio à modernidade racionalizadora e secularista, a sociedade envolve-se no paradoxo de se voltar à irracionalidade das compreensões míticas do passado, alimentando a passividade. (p. 25-26)

Por essa linha de pensamento, podemos concluir que o interesse do autor em apresentar argumentos extraídos do texto bíblico para fundamentar suas teses com base na ideologia dos primeiros cristãos, não se faz totalmente incoerente com os objetivos doutrinários, apenas toma outro rumo que cada vez mais se distancia da contextualização histórica dos fatos narrados na Bíblia.

4. Considerações finais

Diante dessa profusão de ideias que podem surgir ao empregarmos os conceitos desenvolvidos pela Análise de Discurso, combinados com a Semiótica peirciana, tentamos mostrar alguns aspectos com os quais se configuram as estratégias de persuasão inerentes ao discurso religioso, em particular, o da Igreja Universal do Reino de Deus.

Mas a presente exposição não tem como objetivo limitar-se aos estudos discursivos e nem esgotar a temática em pauta. Nossa pretensão é ampliar os horizontes de leitura, através da interdisciplinaridade como forma auxiliar na compreensão dos efeitos de sentido praticados pelas “pessoas” do discurso. Além de fazer uma abordagem sócio-histórica das condições de produção textual sob a ótica discursiva.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, Nº 04

Essa análise poderá contribuir para que professores e alunos entrem em consenso com relação às práticas de leitura desenvolvidas na escola hodierna. Renovando os métodos de ensino/aprendizagem em detrimento dos sistemas arcaicos e de uma pedagogia que privilegiava o aspecto estrutural da linguagem monossêmica.

Acreditamos que somente a partir dessa conscientização poderemos formar verdadeiros leitores críticos e autônomos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUERBACH, Eric. *Introdução aos estudos literários*. São Paulo: Cultrix, 1987.

BARROS, Dianna Luz Pessoa de. Dialogismo, Polifonia e Enunciação. In: ____ e FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

BLIKSTEIN, Izidoro. Intertextualidade e polifonia. In: BARROS, Dianna L. P. e FIORIN, José Luiz. (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: EDUSP, 2003.

COUTO, Sérgio Pereira. *A incrível história da Bíblia*. São Paulo: Universo dos Livros, 2007.

EHRMAN, Bart D. *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*. São Paulo: Prestígio, 2006.

FARAH, Adriane Gomes. *Em nome de Jesus, eu te convenço*. Dissertação de Mestrado orientada pela Profª Dra. Darcilia Simões, UERJ-ILE, 2004.

FERRARI, Odêmio Antonio. *Bispo S/A: a Igreja Universal do Reino de Deus e o exercício do poder*. São Paulo: Ave-Maria, 2007.

LEFTEL, Ruth. Os juízes e os reis. *Revista História Viva: Grandes Religiões 2 - Judaísmo*. Duetto, 2007.

MACEDO, Edir. As saudações. In: _____. *Estudo do Apocalipse, volume único*. Rio de Janeiro: Unipro, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

Cadernos do CNLF, Vol. XIII, N° 04

_____. (Org.). *A leitura e os leitores*. Campinas: Pontes, 2003.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

PEIRCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SIMÕES, Darcilia. *Considerações sobre a fala e a escrita: fonologia em nova chave*. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. *Iconicidade Verbal: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2009.

SOUZA, Marcelo de Barros. *Nossos pais nos contaram: nova leitura da história sagrada*. Petrópolis: Vozes, 1984.